

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

seriedade da existência e a tomar a sério a literatura. Estamos a ver que os dois movimentos, longe de se contradizerem, tendem a confirmar-se mutuamente, e que esta primeira concepção da literatura não tem em Sartre nada de original: o tema da redenção pela obra de arte, pela recusa da contingência, é um tema do nosso tempo¹. Será no entanto o tema de *La Nausée*.

De facto, o interesse de *La Nausée* não está de modo algum na pretensa justificação de Roquentin por esse romance que se propõe escrever. Aliás, no momento em que Sartre escreve o seu, superara ele próprio essa perspectiva, e bastam duas palavras para o confirmar, justamente no fim do livro: «*Um livro. Naturalmente... isso não me impedirá de existir nem de sentir que existo. Mas há-de chegar o momento em que o livro estará escrito; ficará para trás de mim, e penso que então um pouco de claridade cairá sobre o meu passado. Talvez que então, através dele, eu possa recordar sem repugnância a minha vida... E talvez que — no passado, só no passado — eu chegue a aceitar-me.*»

Em contrapartida, deixemo-nos um momento prender pela exposição que Sartre aí faz dessa revelação da existência como não satisfatória e que exige ser — por um qualquer meio — resgatada, salva, justificada.

Esta existência bruta, «natural», é caracterizada pelo *vago*, o *amorfo*, o *flácido*, o *tépido*, o *húmido*, o *doce* (tomado sempre no sentido de *adocicado*), o *languesciente*, o *grosso*, o *gordo*, o *enorme*, o *monstruoso*, o *obsceno*, o *horrível*...

automáticamente, ao fim do mês; em que há a necessidade de sentirmo-nos acima das «contingências»; e em que tanto mais se respeitam, paralelamente, os valores do espírito: a cultura é objecto de um verdadeiro culto, a literatura é sagrada, quem a ela se consagra exerce um verdadeiro sacerdócio. Mas ao mesmo tempo o jovem Sartre, em face desse «sagrado», encontra-se numa relação de familiaridade: ele é o neto de um dos seus «sacerdotes», encontra-se logo *dentro*. Assim ele respeita suficientemente a *literatura*, por colocá-la muito acima da vida, por ver nela a única possibilidade de redenção; mas sente-se incapaz de respeitar um Racine ou um Shakespeare, porque é com eles e neles que escapa à contingência. («Faz-se parte de um certo número de pessoas que escrevem» — diz ele irónicamente para caracterizar esta perspectiva. E com o mesmo bom humor acrescenta que há aí qualquer coisa de incomodativo, porque «é difícil falar-se nos nossos livros de Shakespeare ou de Racine, colocando-os no nosso próprio plano, sem ter o ar de um louco»...)

¹ Basta lembrarmos-nos de Valéry. Mas lembremos também esse parecer de Cocteau, segundo o qual, pelo simples aparecimento de uma obra-prima — e sem que possa dizer-se onde nem como — qualquer coisa se mudou: em qualquer lado um acontecimento absoluto se deu.



Já reconhecemos sem dúvida a «*obscena e fastidiosa existência*» de que se fala em *Les Mouches* e igualmente lembrámos a análise do «*viscoso*», em *L'Être et le Néant*. Recordemos que o viscoso se revela aí essencialmente como resvaladiço, açucarado, adocicado, como «*aderência mole*» de si a si. Há um «*horror do viscoso*» que a consciência apreende na própria viscosidade do mal ou do visco e que é o seu próprio horror de «*se tornar viscoso*». Há um «*sentido do viscoso*», «*a viscosidade revela-se de súbito como símbolo de um anti-valor, ou seja de um tipo de ser não realizado, mas ameaçador, que há-de obsidiar eternamente a consciência como o constante perigo de que ela foge.*»